DAS NARRATIVAS CLÁSSICAS AO CORDEL:

VALORES HUMANOS EM CENA

Priscila Peixinho Fiorindo
Elton Magalhães
Organizadores

Alecrim® JORNAL E EDITORA

Organizadores
Priscila Peixinho Fiorindo
Elton Magalhães

DAS NARRATIVAS CLÁSSICAS AO CORDEL: VALORES HUMANOS EM CENA

Alecrim® JORNAL E EDITORA
1ª Edição
2024

DAS NARRATIVAS CLÁSSICAS AO CORDEL: VALORES HUMANOS EM CENA

Organizadores
Priscila Peixinho Fiorindo
Elton Magalhães

Ilustração: Victória Neiva Costa Pergentino
Capa: Maria Grazielle dos Santos Ramos

GPLPI
Grupo de Pesquisa Psicolinguística: Perspectivas Interdisciplinares

UNEB
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

PROFLETRAS

CAPES

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Das narrativas clássicas ao cordel : valores humanos em cena / organizadores Priscila Peixinho Fiorindo, Elton Magalhães. -- 1. ed. -- Teresópolis, RJ : Jornal Editora Alecrim, 2024.

Vários autores.
ISBN 978-65-85484-90-9

1. Literatura de cordel - Brasil 2. Narrativas I. Fiorindo, Priscila Peixinho. II. Magalhães, Elton.

24-236857 CDD-398.20981

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Literatura de cordel : Folclore 398.20981

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

EDITORA ALECRIM
Diretor e Presidente: Gustavo Lucena de Melo UNIFESO

Conselho Editorial

Cláudia Coelho de Meneses	UNIVERSO
Alan Barbosa Magalhães	UNIFESO
Leticia Coelho de Meneses	UFRJ
Alana Parvati Andrade Magalhães	UFF

DOI
10.5281/zenodo.14658396

@jornal.alecrim
@jornaleditoraalecrim
Jornal Alecrim
jornal.alecrim@gmail.com

SUMÁRIO

Prefácio 06
Ricardo Carvalho

Apresentação 08
Priscila Peixinho Fiorindo
Elton Magalhães

O Flautista de Hamelin na Bahia 09
Priscila Peixinho Fiorindo

A consciência de Pinóquio 15
Simone dos Santos Silva Pinto

Cinderela e o jogo da resiliência 24
Maria Tânia Fonsêca da Silva Ribeiro

A Fera encantada e a Bela determinada 29
Valmira dos Santos Almeida
Josenilto Andrade Reis

O Patinho Feio em cordel 42
Manoel da Lapa Fonsêca da Silva (Manoel Neto)

A saga do Pequeno Polegar e sua grande coragem 53
Tânia Cerqueira

Cordelizações Finais... 62
GPLPI/UNEB

Prefácio

Há uma indiscutível função salvadora para a Humanidade que se desenvolve através da Arte, muito além do mero sentido messiânico, terapêutico ou escapista. A Arte "salva" os tempos históricos oferecendo a leveza, a poética essencial e a luz que clareia as sombras da intolerância, do obscurantismo, da guerra e dos preconceitos. É neste sentido que Ela é libertadora.

Nesta direção, as grandes narrativas da fantasia literária que, muitas vezes, o ocidente passou a chamar de Contos de Fadas, assumiram a pedagogia do Bem com um significado coletivo ou privado, oferecendo aos leitores - ou ouvintes atentos - contrapontos heroicos, épicos ou românticos onde há o desfecho em que, a verdade, a justiça, a solução genial e a redenção dizem que há esperança e que socraticamente é "melhor ser melhor" e agir com respeito e equidade com nossos pares na odisseia terrestre.

Trazer essas narrativas para nossa bem-aventurada saga cordelista é prêmio para nossa cultura regional. Esta presente experiência literária outorga acesso a nossos jovens e crianças a ricos conteúdos e gera um repertório sociocultural de grande sagacidade e inteligência acadêmica.

A poesia de cordel tem suas origens nas tradições orais trazidas pelos colonizadores portugueses e influenciadas pela literatura de folhetos europeia. No Nordeste do Brasil, essa forma de expressão ganhou uma identidade única e, poderíamos dizer, um estilo próprio e peculiar. Os cordelistas são os nossos poetas populares, envolventes e

brilhantes, são nossas rimas, nossas métricas simples e uma parte da nossa ancestralidade que fica acessível a todos.

Os temas abordados são diversos, incluindo contos populares, mitologia regional, crônicas sociais, eventos históricos e até mesmo questões políticas e, agora também, as narrativas clássicas. Os folhetos, pendurados em cordéis - cordões - são declamados em feiras, praças e eventos culturais, mantendo viva a tradição oral. As ilustrações trazem a dimensão visual às histórias.

Se o cordel é matriz rica da diversidade cultural do Nordeste, com esta publicação estenderemos seu papel significativo na preservação e transmissão de histórias, valores e novas dimensões para as diferentes gerações. Saúdo os mestres, estudantes e poetas cordelistas e, diletante, comemoro a iniciativa única.

Ricardo Carvalho

Apresentação

Considerando o contexto da educação contemporânea e a "normose" – conjunto de normas, conceitos, valores, hábitos de pensar ou agir que conduzem a sofrimentos, como, por exemplo, guerras, desequilíbrio ambiental, bullying e cyberbullying entre outros tipos de violência, esses comportamentos afetam diretamente a formação biopsicossocioemocional das crianças e jovens nas escolas.

Nessa perspectiva, os valores humanos e virtudes entram em cena para conduzir a reflexão sobre o que realmente importa na vida. E por isso, o Projeto "Das narrativas clássicas ao cordel: valores humanos em cena", desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Psicolinguística Perspectivas Interdisciplinares (GPLPI/UNEB), tem por objetivo estimular a produção de cordéis, arte literária presente no Nordeste brasileiro, além de outras regiões do país e no exterior, a partir das histórias dos contos de fadas. Tais produções, enquanto material didático, servem para educação do ser pleno, que solicita cada vez mais a harmonia no cotidiano.

E o exercício da solidariedade, da empatia, do respeito, da honestidade e outros valores, nos espaços de aprendizagem, se faz necessário para alcançarmos a multidimensionalidade do ser humano – cognitivo, emocional, afetivo, valorativo, social, dentre outras dimensões.

Convidamos docentes e discentes da educação básica ao ensino superior para leitura e partilha das narrativas adaptadas em cordel, a fim de pensarmos estratégias pedagógicas voltadas para a prática de valores humanos, em sala de aula, fortalecendo um ensino mais criativo e humanizado.

Prof.ª Dr.ª Priscila Peixinho Fiorindo (UNEB)
Prof. Me. Elton Magalhães (IF Baiano – Itaberaba)

O Flautista de Hamelin na Bahia

Priscila Peixinho Fiorindo[1]

I
A história que vos conto
Será verdade ou lenda?
Do folclore alemão
Traduzido na legenda
Para crianças e adultos
Esse cordel tem emenda!

II
Em um reino bem distante
Numa pequena cidade
De estilo medieval
Na alemã antiguidade
Hamelin era chamada:
Local da felicidade!

III
Na região de colinas
A cidade tinha rei
Que determinava regras
Que constituía lei
Os que não obedeciam
Ficavam fora da grei.

[1] Docente do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS e da graduação em Letras na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Líder do Grupo de Pesquisa Psicolinguística: perspectivas interdisciplinares (GPLPI/UNEB). Coordenadora do Projeto "Das narrativas clássicas ao cordel: valores humanos em cena"(UNEB).

IV
Os que habitavam lá
Ouviam muitas histórias
De duendes, fadas, elfos
Que ficavam nas memórias
Das crianças e dos velhos
Sobre perdas e vitórias.

V
Nessa cidade tranquila
Surgem muitos roedores
O povo se desespera
Ratos pelos corredores
O rei oferece euros
Pra dar fim aos destruidores!

VI
No meio da correria
Aparece um Flautista
Que diz acabar com ratos
Com os seus dons de artista
Ao som mágico da flauta
Parecendo um futurista.

VII
O Flautista decidiu
Atravessar pelo Atlântico
Hipnotizando ratos
À escuta do ritmo quântico
Todos entusiasmados
Ao som da flauta em cântico.

VIII
Chegaram ao continente
Americano do Norte
Passaram pela Central
E ao Sul encontraram porte
Os ratos hipnotizados
E o Flautista pensou: sorte!

IX
Os ratos seguem o som
Atravessam de manhã
Até o rio de Contas[2]
Com nascente em Piatã
No estado da Bahia
Onde tem catamarã.

X
Nesse rio tem mistério
Lá magias acontecem
E os que por ali passam
Encantados permanecem
Ao som das águas profundas
Depois de um tempo padecem.

[2]O Rio de Contas é um dos principais cursos de água, que nasce no município de Piatã, localizado no estado da Bahia.

XI
O Flautista continua
Ao som hipnotizante
Conduzindo os roedores
Num estado delirante
Onde no rio se afogam
E eles morrem ofegantes.

XII
Após cumprir a missão
De extinguir todos os ratos
Ele volta à Alemanha
Com evidência dos fatos
Pra celebrar a conquista
Do êxito de seus atos!

XIII
O povo de Hamelin
Celebrou feliz a história
Do extermínio dos ratos
Que ficou para memória
Mas chega o Flautista e diz:
“Vim buscar minha vitória”!

XIV
O rei responde ao artista
“Não lhe darei pagamento!”
“Cadê a prova das mortes?”
O Flautista diz “lamento!”
Com muita raiva pensou
“Aqui haverá tormento!”

XV
Tocando a flauta melódica
Ele buscou se vingar
Saiu tocando e dançando
Pr'as crianças encantar
Que seguiram o Flautista
Para um distante lugar.

XVI
Aí o artista disse:
"Pra Bahia que irei
Mais uma vez na Chapada
Encantamento é lei.
Vou conduzir as crianças
Para me vingar do rei!"

XVII
Como sumiram os ratos
Também sumirão crianças
Mas ao chegar no Capão[3]
Apareceu a esperança
E a dúvida do Flautista:
"Continuo essa vingança?"

[3] Vale do Capão localizado na Chapada Diamantina – BA.

XVIII
No dia seguinte fez
O Poço do Gavião[4]
E a criançada o seguindo
Foi à Purificação[5]
Nas águas geladas viu
Que não tinha mais razão!

XIX
Caminhando pelas trilhas
Na Fumaça[6], cachoeira,
Refletindo a reação
Decidiu baixar poeira
Da raiva foi ao perdão
Se lembrando da Aroeira.

XX
Resolveu então voltar
E as crianças libertar
Na cidade alemã!
E ao rei possibilitar
O perdão de coração
Para harmonia reinar!

[4]Poço do Gavião – Vale do Capão – BA.
[5]Cachoeira da Purificação, povoado de Bombas – Vale do Capão – BA.
[6]Cachoeira da Fumaça – Vale do Capão – BA.

A consciência de Pinóquio

Simone dos Santos Silva Pinto[7]

I

Essa é a história de um boneco
Divertido e inteligente
Que tinha um grande sonho
De um dia virar gente
Ser menino de verdade
Viver uma vida contente

II

Criado por carpinteiro
Bondoso e sonhador
Foi esculpido na madeira
Com carinho e muito amor
Exibindo em seus detalhes
Capricho do criador

III

Qual não foi sua surpresa
Do velho e do bom Gepeto
Ao ver que ele se movia
Conquistando um grande feito
Ficou então orgulhoso
Que mal cabia em seu peito

[7]Mestre em Letras (UNEB). Membro do Grupo de Pesquisa Psicolinguística Perspectivas Interdisciplinares (GPLPI/UNEB). Especialista em Estudos Literários (UEFS). Graduada em Letras Língua Estrangeira (UEFS).

IV
O boneco de madeira
Fruto da habilidade
Mexia cabeça e pernas
E falava de verdade
Fazendo muitas perguntas
Com sua curiosidade

V
O Gepeto jubiloso
Mal cabia em alegria
Pois agora em sua casa
Tinha uma grande companhia
Não podia acreditar
Naquilo que o olho via

VI
Deu-lhe o nome de Pinóquio
E o adotou como um filho
Providenciou-lhe amigo
Na figura de um grilo
Que pudesse ajudá-lo
A livrar-se de empecilhos

VII
Como um bom pai amoroso
Procurou logo encontrar
Uma escola acolhedora
Para Pinóquio estudar
E uma madrinha decente
Para o boneco aconselhar

VIII
O boneco de madeira
Ficou muito sorridente
De uniforme e de mochila
Estava todo contente
Quem sabe se indo à escola
Não virava logo gente?

IX
No caminho para a escola
Pinóquio logo avistou
Um teatro de bonecos
E por ele se encantou
Entrou rápido na roda
Pulou, dançou e cantou

X
Os donos do espetáculo
Ficaram admirados
Com a atuação brilhante
De um boneco engraçado
Não tardou muito e assim
Pinóquio foi contratado

XI
Ao receber as moedas
O mocinho se animou
Pensou em contar ao pai
Sobre a grana que ganhou
Mas no caminho da escola
Trapaceiros encontrou

XII
Eles eram homens maus
Que tinham um gênio ruim
E aconselharam Pinóquio
A esconder o dim dim
Enganaram o boneco
E às moedas deram fim

XIII
Pinóquio ficou tão triste
E se foi pelo caminho
Pensando numa maneira
De não se sentir sozinho
Temendo voltar pra casa
E encarar seu paizinho

XIV
Foi aí que nesse instante
Uma fada lhe apareceu
Procurando saber dele
E o que lhe aconteceu
Pinóquio então mentiu
E o seu nariz cresceu

XV
A fada era a consciência
Do boneco de madeira
E lhe deu muitos conselhos
Pra deixar de brincadeira
Só assim ele teria
Uma vida verdadeira

XVI
Ele prometeu à fada
Que seria obediente
Pôs-se a caminho de casa
Saltitante e bem contente
E nem pôde imaginar
O que encontraria à frente

XVII
Avistou indo pra casa
Um parque de diversão
E ficou tão distraído
Com aquela animação
Que brincou a tarde toda
Comeu doce de montão

XVIII
Mas Pinóquio não sabia
Que existe uma maldição:
Não podia comer doce
Sem ter uma permissão
Foi assim que pagou caro
Por tamanha decisão

XIX
De boneco de madeira
Em burro foi transformado
Com orelhas gigantescas
Quatro patas, bem celado,
Apanhou sem piedade
A um circo foi enviado

XX
Recebeu muitos castigos
Foi forçado a trabalhar
Tanto que em alguns dias
Não podia nem andar
Quando se cansaram dele
Foi mandado para o mar

XXI
Assim que caiu no mar
Voltou a ser de madeira
E pensou na consciência
Sua amiga e conselheira
Se tivesse uma nova chance
Faria de outra maneira

XXII
Nesse instante uma baleia
De estômago vazio
O percebeu à deriva
De súbito o engoliu
Pinóquio agora estava
No escuro e com frio

XXIII
Na barriga da baleia
Uma luzinha avistou
Reuniu-se de coragem
E pra lá se encaminhou
Não podendo acreditar
No que ele encontrou

XXIV
Também no ventre do peixe
Estava o pobre Gepeto
Pai e filho se abraçaram
Pinóquio encostou-se ao peito
Pedindo muito perdão
Por tudo que havia feito

XXV
O velho e bom carpinteiro
Mal conseguia falar
Foi pego pela baleia
Quando deu-se a procurar
O filho amado e querido
Que demorava a voltar

XXVI
Foi aí que a consciência
De novo entrou em ação
Sentia que dessa vez
Ele aprendera a lição
Fez então com que a baleia
Tivesse uma congestão

XXVII
De volta à terra firme
Viram o grilo falante
Que estava bem animado
E também muito elegante
Contando casos diversos
De terras muito distantes

XXVIII
Ao chegar em sua casa
Pinóquio se esmerou
Em cuidar do velho pai
Com carinho e muito amor
O empenho foi tão grande
Que o pai logo sarou

XXIX
Num dia de sol brilhante
A Fadinha apareceu
E quis saber de Pinóquio
O que ele aprendeu
O garoto então notou
Que o nariz não mais cresceu

XXX
Aprendi que nessa vida
O que vale é a amizade
Porém existem pessoas
Que não amam de verdade
E nos levam por caminho
Que não traz felicidade.

XXXI
Por isso em nossa vida
Sejamos obedientes
Aos nossos pais e amigos
Que querem o bem da gente
Sem descuidarmos da escola
Ficamos inteligentes

XXXII
A Fadinha então girou
Seu condão de alegria
E espalhou um pó de amor
De estrela e fantasia
Fazendo com que a beleza
Reinasse naquele dia

XXXIII
E tocando no boneco
Jogou o condão para trás
E da madeira falante
Surgiu um lindo rapaz
De olhos pretos brilhantes
E um sorriso bem vivaz

XXXIV
E assim acaba a história
Do boneco de madeira
Que após muitas desventuras
Distrações e brincadeiras
Encontrou na honestidade
Uma vida verdadeira!

Cinderela e o jogo da resiliência

Maria Tânia Fonsêca da Silva Ribeiro[8]

I
Começarei a contar
Uma história tão bela
Traz grandes ensinamentos
Da vida de uma donzela
Que é linda e resistente
Falarei da Cinderela.

II
Seu jogo da vida era
Repleto de muitas fases
Perdeu sua mãe querida
Começaram os entraves
Seu pai casou-se de novo:
Madrasta cheia de males.

III
Logo na primeira fase
Mesmo sendo enteada
A madrasta e suas filhas
Tratavam-na como nada
Limpava e cozinhava
Era tal qual empregada.

[8] Mestre em Letras/PROFLETRAS/UNEB. Membro do Grupo de Pesquisa Psicolinguística Perspectivas Interdisciplinares (GPLPI/UNEB). Especialista em Ensino de Língua Portuguesa, pela Universidade Cândido Mendes. Professora de Língua Portuguesa na Bahia. Graduada em Letras pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) *Campus* V.

IV
Seu pai era tão ausente
Que permitia as maldades
E assim vivia tão só
Em meio à adversidade
Mas sua alma era bem pura
Repleta de humildade.

V
A má sina não mudou
Seu lindo jeito de ser
A fé e a resiliência
Ajudou-a a transcender
Assim vencia etapas
E no jogo irá vencer.

VI
Sua madrasta e as filhas
Estavam emocionadas
Receberam um convite
De uma festa badalada
Conheceriam o príncipe:
A sorte estava lançada.

VII
A moça queria ir
Tão feliz ela ficou
A madrasta indagava:
A casa você limpou?
O vestido das meninas
Você lavou e passou?

VIII
Rapidamente fez tudo
Mas num jogo de trapaça
Não tinha como ganhar
Aguentou toda pirraça
Sem perder os seus valores
Diante da ameaça.

IX
Por outra fase passou
E a fada apareceu
Alterou todo seu jogo
Cinderela reviveu
Vestido e carruagem
A fada madrinha deu.

X
Com o encanto de uma fada
Para o baile ela partiu
Bonita e bem vestida
Encantando quem a viu
Dançou com o lindo príncipe
E um amor ali surgiu.

XI
Era quase meia noite
Precisava retornar
Sua fada lhe alertou:
Não podia refutar
A magia quebraria
Se ela ali fosse ficar.

XII
Por isso saiu correndo
Um sapato de cristal
A Cinderela deixou.
Em desespero total
O seu príncipe ficou
Pois era um amor real.

XIII
Chegando à terceira fase
Em busca do seu amor
Com o sapato partiu
Mas não podia supor
Que uma tão simples donzela
O conquistou com vigor.

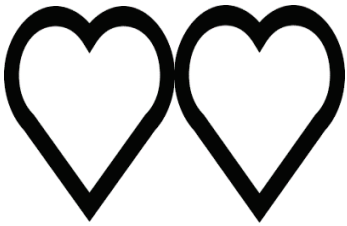
XIV
As irmãs da Cinderela
Fingiram ser a amada
O sapatinho usaram
A mãe era aliada
E com cinismo mentiam
Mas não adiantou nada

XV
O príncipe percebeu
A mentira e a maldade
Iria partir dali
Buscar a felicidade
Mas o pai da Cinderela
Explicou toda a verdade.

XVI
Tenho uma filha humilde
Que cuida do nosso lar
O príncipe escutou
E sem nada indagar
Calçou o sapato nela
E não pôde acreditar!

XVII
Era a sua escolhida
Felizes eles ficaram
Saíram daquela casa
Logo eles se casaram
Resiliência e fé
Foram as crenças que os guiaram.

XVIII
Termino assim esse jogo
Com muito aprendizado
Nada se vence com ódio
E também sendo malvado
As virtudes e valores
É que darão resultados.



A Fera encantada e a Bela determinada

Valmira dos Santos Almeida[9]
Josenilto Andrade Reis[10]

I
Ei, você que está aí
Sem ter nada pra fazer
Leia e curta essa história
Que há séculos vem correr.
É contada pra animar
Às crianças acalmar
E também satisfazer.

II
Essa memória tocante
Traz virtude bem legal,
Como a determinação
Uma virtude genial.
Dom em cada personagem
Vivendo em plena coragem
Buscando seu ideal.

---

[9] Mestra pelo PROFLETRAS (UNEB). Membro do Grupo de Pesquisa Psicolinguística Perspectivas Interdisciplinares (GPLPI/UNEB). Professora da Educação Básica.

[10] Mestre em Letras /PROFLETRAS (UNEB). Membro do Grupo de Pesquisa Psicolinguística Perspectivas interdisciplinares (GPLPI/UNEB). Professor de Língua Portuguesa e Inglesa na Bahia. Ator e Poeta.

III
Uma história emocionante
Um lindo conto de amor.
Que não teria ocorrido
Sem pedido d'uma flor.
Feito pela filha amada,
Muito Bela e honrada,
Ao seu pai, um mercador.

IV
Contada ao longo dos anos
Sujeita a adaptações,
Sem perder o romantismo,
Que mexe com as emoções.
Essa história bem contada
De uma Fera e sua amada
Faz pulsar os corações.

V
A Bela vivia feliz
Com seu pai, irmã, irmão
Numa casa imensa e rica
Com fortuna e união.
Mas não tinha vaidade,
Na sua personalidade
Não cabia isso não.

VI
Porém em tempo difícil
Seu pai riquezas perdeu
Pra família alimentar
Outro ofício aprendeu.
Agora, comerciante
Exímio e confiante
O sucesso mereceu.

VII
Viajava a lugarejos
Vendia em todo lugar
Oferecendo produtos
Que todos queriam comprar.
Mas se sentia sozinho
Seguindo longo caminho
Com saudade do seu lar.

VIII
Desejou voltar pra casa
Depois de dias afora
Queria rever seus filhos
E assim voltar sem demora
E para a prole agradar
Uns presentes foi comprar
Satisfeito foi-se embora.

IX
Porém, logo relembrou
De um pedido especial
Procurou por uma rosa
Mas só enxergou matagal
E surgiu uma tempestade
Estava bastante tarde
Viu um castelo real.

X
No castelo conseguiu
Água, comida e dormida
Mas não dormiu sossegado
Naquela noite temida.
Assim, quando amanheceu
Do lugar que conheceu
Quis logo buscar a saída.

XI
Ao sair ele encontrou
Um jardim muito florido
Arrancou logo uma rosa
Não podia ter esquecido
O pedido da sua Bela
Mas não sabia da Fera
E logo ouviu um rugido.

XII
O cavalo se assustou
E num galope fugiu.
O homem parado ficou,
Medroso com o que ouviu
Com o coração disparado
Diante o corpo gelado
A grande Fera surgiu.

XIII
A Fera então condenou
O bom homem distraído
Dizendo não entender
Pois não era agradecido
E roubar por malandragem
Diante da hospedagem
Que lhe tinha oferecido.

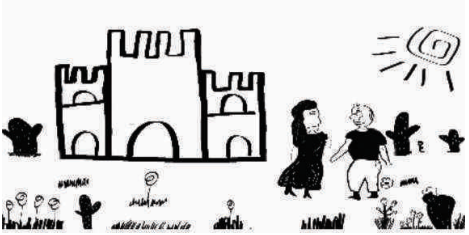
XIV
Acusado pelo crime
O senhor foi enjaulado
Jurando não ter roubado
Por maldade o encantado
Mas sua maior aflição
Estava no coração
Desse pai angustiado.

XV
Do outro lado da história,
A volta do pai querido,
Os filhos já ansiosos
Com o presente pedido
Ouviram um galopar
Saíram a observar
Era o cavalo perdido.

XVI
E o papai onde está?
Bateu a preocupação
Sem esperar a resposta
E com determinação
Bela saiu pelo mundo
Sem perder nenhum segundo
Guiada pela emoção.

XVII
O tal castelo encontrou
E logo veio a saber
Da prisão do velho pai
E uma solução foi ter
Pra tirar seu pai do apuro
Um pedido bem maduro
Uma troca quis fazer.

XVIII
A garota destemida
Numa atitude de amor
Ofereceu própria vida
Pela do seu genitor.
Fera não a repreendeu
E ele logo percebeu
Na jovem grande valor.



XIX
O pai muito desgostoso
Foi seguindo seu caminho
Bela aceitou seu destino
Prisioneira, sem carinho
Sabia ser certa a morte
Mas contaria com a sorte
Ao lado do ser mesquinho.

XX
A perda da liberdade
Em prova de terno amor
De uma filha por um pai
Demonstra grande primor.
A vida, quem merecia?
A moça jovem sadia
Ou o vivido senhor?

XXI
Na primeira noite assim,
Largada à solidão
Bela ouviu melosa voz
Dizendo: “preste atenção!”
“Ouça agora o que lhe digo,
Não temas nenhum perigo
Nada que fez foi em vão!”

XXII
Bela não ficava presa
No castelo do feroz.
Tratou-lhe como rainha
Uma Fera nada algoz.
A Fera impiedosa
Mostrava-se generosa
Nunca sendo um atroz.

XXIII
Seu defeito era a feiura
E só queria agradar
A delicada garota
Pois estava a esperar
Alguém que o bem notasse,
A feia imagem amasse,
Para o feitiço quebrar.

XXIV
Dias foram se passando
E a presença da Bela
Foi mudando pouco a pouco
A atitude da Fera.
Estava mais sorridente
Tornando-se evidente
Sua paixão pela donzela.

XXV
A Bela bem receosa
Ao pedido de união
Recebido com frequência
Desse seu anfitrião
Receava o magoar
Mas não queria enganar
Por isso, dizia não.

XXVI
Tinha que existir verdade
Para o encanto quebrar
Seu desespero era grande
Pois não podia contar.
A jovem não o amaria
Com aquela feitiçaria
Mas precisava tentar.

XXVII
Já a moça, muito triste,
Da família tem saudade
Suplicou por uma visita
Fera mostrou piedade.
A jovem jurou voltar
Sem a verdade faltar,
Falou com sinceridade.

XXVIII
Partiu pra casa do pai
Viveu dias de alegria
Contudo, lá no castelo
A mansa Fera sofria
Vivia triste sem comer
Sem vontade de viver
Sua vida tornou-se fria.

XXIX
Bela por muitos dias
Com sua família ficou
Porém, um pressentimento
De súbito lhe aflorou
Com o coração pesado
Lembrou-se do acertado
E pro palácio voltou.

XXX
Ao retornar ao castelo
A Fera não encontrou
Procurou por toda parte
Quando de algo lembrou:
De um lugar especial
De beleza colossal
E lá com calma adentrou.

XXXI
Caminhando lentamente
Naquele jardim florido
Bela não acreditou
Quando o viu desfalecido
Tentou a Fera animar
Pôs-se então a chorar
Deu um grito dolorido.

XXXII
Por uma lágrima de amor,
Viu o caso revelado
A Fera assim reviveu,
O feitiço foi quebrado
Por alguém capaz de amar,
E beleza enxergar
Em um ser desfigurado.

XXXIII
Como previsto nos contos
Felizes sempre estarão
A princesa e seu príncipe
Viverão com união
Com alegria e fervor
Aproveitando o amor
Sem qualquer moderação.

XXXIV
Essa foi a linda história
Que aqui viemos contar
De uma jovem bondosa
Que com esforço foi morar
Com medonha criatura
Mas notando sua ternura
Não tardou se apaixonar.

XXXV
Esse é um conto bem contado
Onde o amor prevalece
Trazendo ensinamento
Lição que nunca se esquece.
Digo logo sem rodeio
Quem consegue amar o feio
O bonito lhe parece.

XXXVI
Não havia outra forma
Para falar do amor
Sem contar essa história
Com sentimento e louvor
Da Fera que com firmeza,
Encantamento e pureza
Encontrou o grande amor.

XXXVII
E chegamos ao final
Com esta grande lição
O belo pode ser feio
O feio, evolução.
Se tratado com amor
Dependendo do valor
Que trazes no coração.

XXXVIII
Assim narramos o causo
Onde a determinação.
É virtude necessária
Pra efeito de decisão.
Você também tenha tino
Para mudar seu destino
E alcançar sua pretensão.

O Patinho Feio em cordel

Manoel da Lapa Fonsêca da Silva (Manoel Neto)[11]

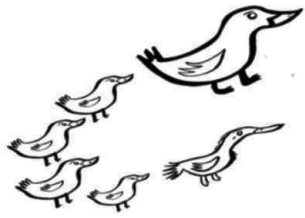
I
Demorei horas e horas
Até semanas, talvez
Tentando encontrar um jeito
Que nenhum sujeito fez
Apertei minha memória
Mas começo essa história
Dizendo: – "era uma vez"...

II
O conto que era em prosa
Vou contar todo em cordel
Descrever um lugar lindo
Como um pedaço do céu
Não há dom que lhe defina
Terra boa, Areia Fina[12]
Coração de São Miguel[13].

III
Na fazenda Arco Verde
Uma pata fez seu ninho
Esperou por muito tempo
Cuidando de cada ovinho
Até que chegou o dia
Pra com festa e alegria
Conhecer os seus patinhos.

[11] Mestre e graduado em Letras UNEB, Professor da Educação Básica, estuda e escreve Literatura de Cordel.
[12] Comunidade rural, município de São Miguel das Matas – BA.
[13] Município de São Miguel das Matas, Vale do Jiquiriçá – BA.

IV
Finalmente, o bom momento
Chegou para a mamãezinha
Que de perto acompanhava
As pequenas avezinhas
Mas para a sua surpresa
Em meio à tanta beleza
Surgiu uma “feiurinha”.



V
Essa “feiurinha” aqui
Não é a da outra história
Deu-se o caso que a mãe
Vivendo o dia de glória
Quase teve um passamento
Quando viu um dos rebentos
Diferente da memória.

VI
Os patinhos que nasceram
Eram todos muito belos
Aves de primeira panha
Dignas de qualquer castelo
Muito fofas, delicadas
Bem feitas, bem caprichadas
Num tom de lindo amarelo.

VII
Mas no meio da ninhada
Tinha um pato diferente
A mãe pata meio triste
Que antes estava contente
Viu um bicho acinzentado
Mondrongo, desajeitado
Bem ali na sua frente.

VIII
Pensou: se não é um pato
O que faz aqui no meio?
Pegou então a ninhada
E saiu para um passeio
E teve a notícia boa
Quando jogou na lagoa
Disse: – "é um patinho feio"!

IX
Depois de toda surpresa
Dada a constatação
A notícia do patinho
Abalou a região
Vieram ver o patinho
Todo tipo de bichinho
Da Salete ao Riachão[14]

[14] Comunidade rural do município de São Miguel das Matas – BA.

X
Tinha bicho do Comum[15]
E de São Sebastião[16]
Bicho lá do Condomínio
Que chegava em excursão
Parecia um coreto
Veio peixe do Rio Preto[17]
De Fátima e São João[18]!

XI
Pra tristeza do patinho
Que era tão diferente
Cada bicho que olhava
Falava mais prepotente
Que bichinho mais feioso!
Puxa, como é horroroso!
Ah! Meu Deus, que deprimente!

XII
De tanto ser magoado
Ele decidiu fugir
Foi correndo sem destino
Sem caminho pra seguir
Fugindo da sua terra
Foi parar no pé da serra
Sem da mãe se despedir.

[15] Idem
[16] Idem
[17] Idem
[18] Idem

XIII
Começou olhar em volta
Então viu uma casinha
Com a porta entreaberta
Bem pequena e simplesinha
Ele entrou assustadinho
Se encolheu lá no cantinho
Ao lado da camarinha.

XIV
Naquela casa humilde
Morava uma velhinha
Com seu gato sonolento
E também uma galinha
Assim que amanheceu
A velhinha percebeu
Disse: – "será uma patinha?"

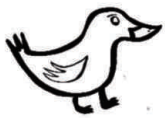
XV
Um dia me dará ovos
Eu farei muita comida
Muito creme, muito doce
Pra vender lá na Muquiba[19]
Mas a galinha e o gato
Agrediam o pobre pato
Quase lhe tirando a vida.

[19] Idem

XVI
O patinho, coitadinho
Resolveu fugir de novo
Já estava arrependido
De ter saído do ovo
Disse: – "vou para o Comum"
Mas passando no Ticum
Pensou: daqui não me movo.

XVII
O Ticum é um riacho
Ali perto da Muquiba
Como era primavera
Não lhe faltava comida
Pra sua decepção
Foi chegando o verão
Acabando a boa vida.

XVIII
O riacho foi secando
Folhas caindo no chão
Certa tarde, já bem triste
Vejam que grande emoção
Ao olhar para a boiada
Viu no céu uma revoada
Vindo em sua direção.



XIX
As aves foram pousando
Demarcando o ambiente
O patinho encantado
Parecia tão contente
Aquelas aves formosas
Penas brancas, patas rosas
Bem ali na sua frente.

XX
Os dias foram passando
Com o pato em esperança.
Os gansos eram bem fortes
Lhe passavam segurança
Logo logo sem demora
Os gansos foram embora
Ficando só a lembrança.

XXI
Triste e muito solitário
Só restava o lamento
O rio só ia secando
Aumentando o sofrimento
Faltava felicidade
Força e dignidade
Faltava até alimento.

XXII
Certo dia já exausto
Naquele quente verão
Ele saiu caminhando
Procurando proteção
Queria só uma cama
Mas ficou preso na lama
Aumentando a aflição.

XXIII
Foi aí que apareceu
Um lavrador solitário
Que quando viu o patinho
Logo lhe foi solidário
Livrando-o assim da morte
E ali, pra sua sorte
Mudou seu itinerário.

XXIV
Levou o pato pra casa
Deu comida e atenção
O bichinho acolhido
Transbordava gratidão
Viveu ali por um tempo
Mas tinha no pensamento
Uma importante missão.

XXV
Só queria mergulhar
Nesse universo profundo
Precisava se encontrar
Ao menos por um segundo
Descobrir com todo amor
Mesmo após essa dor
Seu real lugar no mundo.

XXVI
Sempre grato ao lavrador
Ele seguiu sua vida
Cada dia, uma lição
Cada dor, uma ferida.
Despediu-se do amigo
E encontrou logo um abrigo
Já pensando na partida.

XXVII
Viveu por algum momento
Tendo a fonte como o lar
Mas sempre na esperança
De seu norte encontrar
Até que um certo dia
Lhe surgiu uma energia
E um desejo de voar.

XXVIII
O patinho, já um pato
Bateu asas a voar
Suas asas já enormes
Peneiravam pelo ar
E quando olhou para o chão
Disparou o coração
Decidiu então pousar.

XXIX
Era uma linda vista
Uma lagoa grandona
Cercada de pastos verdes
Barragem do Rio da Dona[20]
Viu, então, ali um ganso
Repousando no remanso
Já não era uma redoma.

[20] Represa ou barragem localizada no limite entre os municípios de Santo Antônio de Jesus – BA, São Miguel das Matas – BA e Laje- BA.

XXX
Aquilo era a liberdade
Pulsando em seu coração
Ao se aproximar dos gansos
Foi tão grande a emoção
Veja que linda miragem
Quando viu a sua imagem
Refletir o Ribeirão.

XXXI
Aquele espelho d'água
Que brilhava em sua frente
Lhe trouxe uma descoberta
Que lhe fez muito contente
Alcançou seu grande anseio
Pois viu que não era feio
Era apenas diferente.

XXXII
Afinal, não era um pato
Muito menos, era feio
Nadava com os seus pares
Já não tinha aperreio
Agora, pro seu descanso
Sabia que era um ganso
E estava em seu meio.

XXXIII
Um dia, o lavrador
Seu amigo do passado
Foi passando pelo rio
E ficou muito encantado
Quando viu em sua frente
Outro ganso diferente
Nadando bem sossegado.

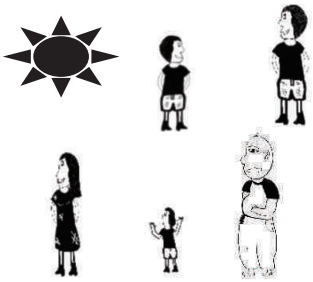
XXXIV
O lavrador, seu amigo
Sentia-se diferente
Pois sempre andava sozinho
Distante de toda gente
Depois daquela lição
Transformou o coração
Sua alma e sua mente.

XXXV
Findo aqui essa história
Com essa linda moral
Todo ser é importante
"Cada qual seu cada qual"
Diversidade é riqueza
Pluralidade é beleza
Ser diferente é normal.

A saga do Pequeno Polegar e sua grande coragem

Tânia Cerqueira[21]

I



Num lugar muito distante
Morava um casal feliz
Eles eram lenhadores
Homens pobres e gentis
Com sete filhos pequenos
E todos bem infantis.

II

O caçula era magro
Muito fraco e não cresceu
Chamavam-lhe Polegar
Miúdo, não pereceu
Inteligente, só ele
Ninguém nunca conheceu!

III

Naquele ano difícil
Estava tudo escasso
Não tinham o que comer
A vida era um fracasso
Os seus pais desesperados
Com enorme descompasso.

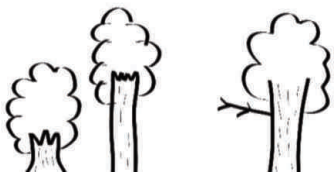
[21] Mestre Letras PROFLETRAS (UNEB), membro do Grupo de Pesquisa Psicolinguística Perspectivas Interdisciplinares (GPLPI/UNEB). Professora da rede pública de ensino em Salvador – BA.

IV
Polegar, certa manhã,
Os seus pais foi ajudar
Todos foram para mata
Lenha e frutas apanhar
Mas os filhos se perderam
E começaram chorar.

V
Polegar, o menorzinho
Encorajou seus irmãos
A procurar o caminho
Andaram e foi em vão!
Quanto mais eles andavam
Só viam à frente chão.

VI
Quando a noite enfim che gou,
Começou a chover forte.
Fazia ali muito frio
E os pequenos sem sorte.
Polegar, o mais esperto
Pensou em algum aporte.

VII
Subiu numa enorme árvore
Avistou com atenção
Era uma casa distante
E andou na direção
A tal casa era imensa,
Terrível, gerou tensão.



VIII
Polegar bateu à porta
Uma mulher veio abrir
– Quem são vocês, criancinhas?
Perguntou pra descobrir.
– Tamos perdidos aqui!
Com fome e sem dormir.

IX
A moça acolhedora
Os pediu para entrar
Avisou apreensiva,
Seu coração a pulsar,
Que o gigante malvado
Logo ali ia chegar.

X
Era esposa do gigante
Mas tinha um bom coração
Os sete irmãos entraram
Se esconderam no porão
O gigante regressava
Era muita a aflição.

XI
Logo que entrou na casa
O gigante esbravejou:
– Sinto cheiro de crianças!
A esposa retrucou:
– É o cheiro da nossa janta!
Ela tremendo falou.

XII
Ele não se enganou
Encontrou os sete irmãos,
Guiado pelo seu faro
Procurou sem discrição.
O gigante anunciou:
– Vou ter boa refeição!

XIII
A esposa assustada
O seu marido lembrou:
– Oi! A janta está pronta!
E o gigante aceitou.
Disse que ia jantar
Então ele descansou.

XIV
O gigante foi dormir
Pensando nas criancinhas
Que foram ali descobertas
E estavam na cozinha
Assustadas e coagidas
Muito tristes e sozinhas.

XV
Vendo tal situação
A esposa retirou
As crianças do porão
A um quarto as levou
Escondeu-os num cantinho
E o gigante não achou.

XVI
Polegar muito espertinho
Em suas filhas reparou
Com coroas bem douradas
E então, logo pensou.
– Vou trocar nossos gorrinhos.
E com as coroas ficou.

XVII
De madrugada, bem cedo
O gigante acordou
Foi ao quarto das filhas
Das camas se aproximou
Estendendo suas mãos
E nos gorrinhos tocou.

XVIII
Vixe, Maria! Que azar!
Só que o gigante trocou
Pegou todas as filhas
Dentro do saco jogou
Era sim um grande erro
Mas ele nada notou.

XIX
Polegar muito valente
Os irmãos ele acordou
Falou das trocas dos gorros
E o que ali se passou
Pra enganar o gigante
Quase o mundo se acabou!

XX
– Vamos fugir já daqui!
– Antes que nos seja tarde!
Se o gigante descobrir
Será sim um grande alarde.
Saíram então de fininho
Antes de ver a verdade.

XXI
Fugiram daquela casa
E foram para floresta
Se mantendo em silêncio
Aproveitando uma fresta
Pela janela do quarto,
Pois o gigante não presta.

XXII
O gigante tão perverso
Descobriu o ocorrido
Calçou suas botas mágicas
E estava aguerrido
Com seu pisante veloz
Sem fazer muito alarido.

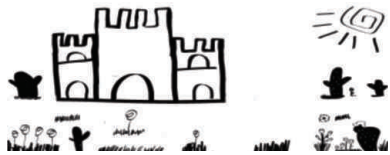
XXIII
Polegar muito audaz
Ficou com mais atenção
Viu o gigante de longe
Se escondeu com os irmãos
Dentro de uma caverna
Fugiu da perseguição.

XXIV
O gigante correu muito
Parou para descansar
Acabou adormecido
Polegar de longe a olhar
Usou a situação
E num plano foi pensar.

XXV
Pediu para seus irmãos:
– Fujam! Corram sem parar!
Abeirou-se do gigante
E seu plano ia emanar,
Então, com muito cuidado
Suas botas foi tirar.

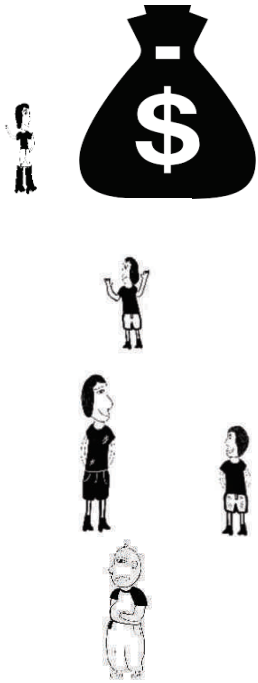
XXVI
As botas eram imensas
E por serem encantadas
Nos seus pés se ajustaram
E numa ação afrontada
Polegar se apossou,
Que postura encorajada!

XXVII
Passadas algumas horas,
Mesmo sem se descansar
Avistou, ali bem longe,
Um grande reino a brilhar
Soube algo do reino
A informação foi checar.



XXVIII
"O rei recompensará
Quem sua filha encontrar
A princesa perdida
Uma fortuna dará
A pessoa que trouxer
A filha de volta ao lar."

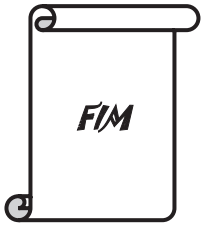
XXIX
Polegar agiu bem rápido,
Com as botas ajudando
Trouxe a princesa de volta
Boa fortuna ganhando
No dia seguinte, partiu
Sua família encontrando.



XXX
Polegar tão pequenino
Da coragem se valeu
Enfrentou a fome e o medo
Sua bravura apareceu
Vencendo enfim o gigante
E seus irmãos defendeu.

XXXI
Sem se importar com o tamanho
A coragem apareceu
Agindo com heroísmo
A todos surpreendeu
Mesmo um grande desafio
Polegar enfim venceu.

XXXII
Esse conto fabuloso
Agora termino aqui
Para que todos conheçam
A história desse guri
Feita em versos de cordel.
Eu creio que consegui!



Cordelizações Finais...

A consciência chegou
É tempo de florescer
Refletir sobre valores
E nos cordéis se envolver
Do **Flautista** a **Pinóquio**
Veremos um novo ser

E na Gata Borralheira
Ou apenas **Cinderela**
Mais virtudes encontramos
Pra ensinar a Nova Era
Como a determinação
Também na **Bela e a Fera**!

No cordel **Patinho Feio**
Empatia para amar
É a palavra de ordem!
E o **Pequeno Polegar**
Em sua saga traz coragem
Para nos estimular

A ler e compreender
Nos cordéis aqui presentes
Os valores e virtudes
Para criativamente
Pensarmos nas atitudes
Que o projeto traz em mente!

E por isso o GPLPI
Às instâncias agradece:
Capes, PROFLETRAS e UNEB
Muito obrigado merecem
Aos discentes e docentes
Que na luta permanecem!

GPLPI/UNEB

O livreto "Das narrativas clássicas ao cordel: valores humanos em cena desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Psicolinguística Perspectivas Interdisciplinares (UNEB), propõe, a partir dos contos de fadas adaptados em cordel, estimular a prática do perdão, da resiliência, da empatia, da honestidade, da determinação e da coragem, a fim de alcançarmos a educação multidimensional do ser que abrange os aspectos cognitivo, emocional, afetivo, valorativo, social, dentre outras dimensões, fortalecendo um ensino mais criativo e humanizado.

GPLPI
Grupo de Pesquisa Psicolinguística: Perspectivas Interdisciplinares

UNEB
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

PROFLETRAS

CAPES

ISBN: 978-65-85484-91-6
CBL
9 786585 484916

Alecrim® JORNAL E EDITORA